

JORNALISMO: o espetáculo no “Jornal Nacional”

Josiane de Assis¹

David Camilo Mendes Padilha²

Cátia Cristina Degan Fernandes³

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o Jornal Nacional observando a constituição do espetáculo utilizado pelo programa para se adequar à midiatização, com base na “Arte Poética”, de Aristóteles (2003). Metodologicamente foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977), utilizando como recorte o programa exibido no dia 10 de outubro de 2018, pela rede Globo. Foram apresentados os principais conceitos da obra, aplicados durante a apresentação do programa, que nos possibilitaram verificar as mudanças realizadas pela emissora para adaptação do JN aos novos meios de comunicação e transmissão de notícia. Foram utilizados como foco de discussão teórica os estudos sobre midiatização e espetáculo, com base em autores como Fausto Neto (2006), Arbex Junior (2001) e Paternostro (2006), além, lógico, de Aristóteles (2003). Identificamos que o que antes era uma comunicação considerada como sem retorno, por meio das novas mídias, o programa consegue interagir com os telespectadores, utilizando as novas tecnologias que favorecem uma apresentação por meio do espetáculo para atrair o público. Dessa forma, concluímos que ocorre no programa a alteração dos padrões, o uso de técnicas e meios de transmissão da notícia para a midiatização através do espetáculo.

PALAVRAS-CHAVE: midiatização; jornalismo; espetáculo; Jornal Nacional.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze Jornal Nacional observing the constitutional spectacle, in order to fit into the medialization, based on the book “Poetic Art”, by “Aristotle” (2003). Methodologically a content analysis was carried out (BARDIN, 1977), using as a clipping the news program “Jornal Nacional”, exhibited on October 10, 2018, by Rede Globo. The main concept of the work was presented, applied during the presentation of the news program, which enabled us to verify the changes made to adapt the JN to the new media and to the new transmission. As a focus of theoretical discussion the studies on medialization and spectacle were used, based on authors such as Fausto Neto (2006), Arbex Junior (2001) and Paternostro (2006), besides, obviously, Aristotle (2003). We identified that what used to be a considerable communication with no feedback, through the new media, the news program is able to interact with the viewers, utilizing the new technologies that require a presentation by means of the show to attract the audience. In this way, we conclude that the program changes the standards, the use of techniques and means of transmission of news for medialization through the show.

1 Graduada do Curso de Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo, da Universidade Vale do Rio Doce (Univale). E-mail: josyassis@outlook.com.br.

2 Orientador e Professor Mestre do Curso de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, da Universidade Vale do Rio Doce (Univale). E-mail: david-camilo@hotmail.com.

3 Professora Mestre em Linguística Aplicado curso de Direito, da Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (Fatividade). E-mail: catiadegan@yahoo.com.br

KEYWORDS: midiatization; journalism; show; Jornal Nacional.

SUMÁRIO

1 PROCESSOS MUDIÁTICOS. 1.1 SOCIEDADE EM VIAS DE MUDIATIZAÇÃO. 1.2 EM TORNO DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO. 1.3 O JORNALISMO E AS NOVAS TROCAS CULTURAIS. **2 CONFLUÊNCIA METODOLÓGICA.** **3 O JORNAL NACIONAL EM UMA SOCIEDADE MUDIATIZADA.** 3.1 O ESPETÁCULO NA APRESENTAÇÃO DO JORNAL NACIONAL. **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.**
REFERÊNCIAS.

1 PROCESSOS MUDIÁTICOS

A forma utilizada para a comunicação é alterada pela evolução da sociedade e o uso das novas tecnologias, além de outros meios utilizados para transmissão de ideias, informações, avisos e opiniões. Segundo Peternostro (2006), os “sinais de fumaça, batidas de tambor, gestos e inscrições nos levam a refletir sobre a existência de códigos diante de uma necessidade vital na sociedade humana: descobrir formas para superar barreiras na comunicação” (PATERNOSTRO, 2006, p. 13).

Com o passar dos anos, o ser humano foi evoluindo, adquirindo sabedoria, colocando ideias em prática e ensinando as novas gerações de forma primitiva e simples o aprendizado adquirido ao longo do tempo. Um dos maiores avanços dessa época foi a tipografia, que permitia fazer a impressão de livros, o que deu início à comunicação social com a distribuição do primeiro livro impresso: a Bíblia. Dessa forma, foi possível a distribuição para um número cada vez mais crescente de pessoas, de modo acessível, promovendo a mudança no modo de viver e pensar da sociedade.

Em 59 A.C. surgiu o jornal com o primeiro exemplar distribuído por Júlio César, em Roma, com o intuito de informar o povo sobre os principais acontecimentos políticos e sociais. No Brasil essa invenção chegou somente em 1808. Já por volta de 1900, surgiu a rádio, tornando-se um marco histórico com a primeira transmissão no Brasil realizada em 1922.

O início da TV ocorreu com sua primeira transmissão em 1924. Foi considerada uma transição do radiojornalismo para o telejornalismo pela junção do jornal com desenhos e áudios que determinou um novo meio de comunicação. Atualmente essa transição tem sido feita entre o telejornalismo e o web-jornalismo, o

que tem exigido um novo formato de exibição e adaptações a novas tecnologias. Segundo Jambeyro (2002), essa é uma fase de experimentação:

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de ideias e de venda de produtos e serviços que é hoje (JAMBEIRO, 2002, p. 53).

Com a fase da experimentação, em 1943, foi criado o computador como uma grande caixa para cálculos. Ele teve o seu primeiro modelo micro (microcomputador) em 1971 e desde então a evolução dessa máquina ganhou um constante desenvolvimento: tornou-se portátil, ganhou mais utilidade e abrangeu novas funções. Já a internet só surgiu em 1969, entre os militares, de forma privada, sendo liberada em 1971, após a guerra fria. Tornou-se popular em 1990, expandindo suas funções e servindo para entreter a sociedade de forma expansiva.

Neste cenário, a TV tornou-se de suma importância para a divulgação oficial e rápida das notícias, abrindo espaço para o telejornal mais conhecido nacionalmente no Brasil: o Jornal Nacional. Sendo assim, se a TV não se adaptar às novas mídias e plataformas *streaming* que surgiram com os computadores e a internet, ela pode acabar se tornando um refúgio. Segundo Bauman (2005), o cenário exige mudanças, pois:

Não tornar um hábito coisa alguma que se pratique no momento, não estar preso pelo legado do próprio passado, usar a identidade atual como se usa uma camisa que pode ser prontamente trocada quando em desuso ou fora de moda, rejeitar as lições do passado e abandonar antigas habilidades sem inibição nem remorso - estes se tornaram os selos da atual vida líquido-moderna e os atributos da racionalidade correspondente (BAUMAN, 2005, p. 144).

Essa realidade sobre a modernidade aponta a importância de mudança tanto no telejornalismo, quanto na sociedade, onde a mudança gerada com a modernidade é estar aberto a novas possibilidades e ser simultaneamente

revolucionário e conservador. Desse modo, essas mudanças possibilitam o desenvolvimento e a necessidade de uma nova linguagem jornalística para a adaptação do web-jornalismo, de forma a proporcionar o melhor entendimento e acesso do público leigo para absorver as notícias.

1.1 SOCIEDADE EM VIAS DE MUDIATIZAÇÃO

A midiatização pode se comparar às mudanças ocorridas na comunicação ao longo dos tempos. A sociedade se adequa às necessidades apresentadas pelas novas gerações e pelos seres midiáticos. Segundo Fausto Neto (2006), a midiatização é construção contínua, ou seja, “é algo maior do que as concepções de funcionalidades”. (FAUSTO NETO, 2006, p. 02).

Considerado um tipo de processo, midiatizar é fundamental para descrever o andamento dos meios de comunicação e como essas mudanças estão relacionadas à característica cultural e social do tempo presente ao longo das gerações. A midiatização também está presente na construção cultural e nas práticas sociais de um grupo, pelo compartilhamento de ideia, cultura e opinião.

Desse modo, se o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo se tornaram parte do todo, não se pode vê-los como uma esfera separada. É necessário desenvolver uma compreensão de como a crescente expansão dos meios de comunicação muda nossa construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais. Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as interrelações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural (GOMES, 2016, p. 01).

Segundo Fausto Neto (2006), isso significa que a midiatização pode ser nomeada como uma “nova vida tecno-social”, pois a sociedade não mais se admira pelo simples real acontecimento dos fatos, e sim por algo mais atrativo e dinâmico, em virtude da utilização de técnicas. Ou seja, uma simples informação não atrai se não tiver um diferencial que deixe o receptor deslumbrado com e atento à forma como a mensagem foi transmitida para atrair a atenção.

Trata-se de uma nova forma de ambiente – da informação e da comunicação – que mediante tecnologia, dispositivos e linguagens trata de produzir um outro conceito de comunicação, calcado na passagem da causação à aditividade. Sociedade que tem sua estrutura e dinâmica calcada na compreensão espacial e temporal, que não só institue, como faz funcionar um novo tipo de real, e cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sócio-técnicas. Nestas circunstâncias, a sociabilidade dá lugar à informacionalidade (FAUSTO NETO, 2006, p. 3-4).

No conjunto formado pela imagem e o imaginário do receptor sob a forma de circulação midiática, “o problema do imaginário depende, portanto, não só das imagens visíveis, mas principalmente das imagens reconstruídas e reinventadas (invisíveis à percepção sensorial, mas não à criatividade simbólica) pelo receptor desejante e imaginante” (MEDEIROS, 2013, p. 31). Sendo assim, o imaginário causa a percepção subjetiva do início momentâneo adquirido pela imagem simbólica que, por sua vez, traz experiências e afetividades com a informação absorvida. Para Fausto Neto (2013), esse acontecimento ocorre pela:

A nova vida tecno-social é origem e meio de um novo ambiente, no qual institui-se um novo tipo de real que está diretamente associado a novos mecanismos de produção de sentido, nos quais nada escaparia às suas operações de inteligibilidade. Até mesmo porque, segundo suas pretensões, nada existiria fora, portanto, dessa nova conformidade, como possibilidade geradora de sentidos. Estes mecanismos produzem e fazem funcionar uma nova forma de sociedade, cujas finalidades são produtivas, porém diretamente vinculadas às lógicas dos fluxos e das operações, e tendo como fim a produção de uma nova forma de vínculo social, no caso as estruturas de conexões (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

Aperspectiva funcionalista, citada por Fausto Neto (2013), define a linguagem como um instrumento ou uma ferramenta capaz de produzir sentido, ou seja, a interpretação feita pelo receptor da mensagem que vem com a capacidade do pensar com produção de sentido que envolve outros elementos. Fausto Neto (2013) afirma que a linguagem e a circulação direcionam para novas formas de vínculos sociotécnicos, pois “se articulam para engendrar a dinamização das estruturas em processos, que a seu turno geram fluxos, circuitos” (FAUSTO NETO, 2013, p. 48-49). Nesse caso, a circulação de imaterialidades se torna operações de produção de

sentido constituídos por um misterioso e temido desafio para os estudos modernos da comunicação, já que segundo ele:

É na esfera da circulação, e das condições em que a mesma se realiza, que as realidades são afetadas por suas lógicas, produzindo-se a emergência de novas formas de interação até então não previstas por aqueles estudiosos clássicos que pensaram a sociedade e seus fenômenos coletivos. Ocorrem mudanças nos modos através dos quais o capitalismo organiza a vida social - suas estruturas e o modo de agir dos seus atores, dando origem às novas formas de mediação/intermediação. Assim, ao invés do ato social, a rede. Do vínculo, ao fluxo (FAUSTO NETO, 2006, p. 4).

Esse processo de produção de significado faz surgir novos métodos para operação de sentido, abandonando sistemas culturais para ingressar nas lógicas de fluxos. Segundo Sodré (2013), isso acontece pela formação de um sistema de inteligibilidade para assimilar um atual pensamento de acordo com laços sociais.

O que de fato as intervenções mais agudas no pensamento social vêm mostrando é que o pensamento social requer um novo sistema de inteligibilidade para a diversidade processual da comunicação enquanto ciência específica do modo de produção ativo do conhecimento, possivelmente na direção de uma releitura do vínculo comunitário ou laço social (SODRÉ, 2013, p. 67).

Sodré (2013) conceitua a mídiatização como “uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação”. (SODRÉ, 2013, p. 69) Isso se refere a uma característica da ‘tecnointeração’, ou seja, uma prótese tecnológica e mercadológica de uma realidade sensível conhecida como *medium*. Para o pesquisador isso possibilitaria as práticas e relações sociais, com o apoio das tecnologias digitais vinculadas à internet, a apoiarem as lógicas mercadológicas e midiáticas.

Sendo assim, encontra-se novos meios de transmissão da notícia, pelos meios tecnológicos, pelas ferramentas virtuais que se destacam na comunicação e precisa ser estudado constantemente, pois a transmissão da informação agora leva

a outro universo quase que fictício, pois Gomes (2013) considera esse mecanismo um novo mundo,

Os dispositivos tecnológicos são apenas uma mínima parcela, a ponta do iceberg, de um novo mundo, configurado pelo processo de mediação da sociedade. Estamos vivendo uma mudança epocal, com a criação de um *biosmediático* (na feliz expressão de Muniz Sodré) que incide profundamente no tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional. É um *bios* virtual. Mais do que uma tecnointeração, está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela mediação da sociedade” (GOMES, 2013, p. 136).

O envolvimento da tecnologia na comunicação produz o dinamismo da fala, dos sons, das imagens e das expressões corporais, levando o espetáculo ao público receptor, promovendo o encantamento e dando visibilidade à força da mediação na sociedade. Ou seja, leva de forma convincente e chamativa, uma simples mensagem que poderia ser passada de forma seca, sem sentido ou intensidade. Dessa forma, o espetáculo atrai a atenção do receptor pela forma de transmissão da mensagem.

1.2 EM TORNO DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A comunicação está em tudo e o que a diferencia é a forma pela qual é transmitida. O espetáculo não poderia ficar de fora disso, já que é discutido na área da comunicação por apresentar conceitos diferentes do jornalismo tradicional e formal. Em *A Sociedade do Espetáculo*, o escritor Debord (1967) afirma que o espetáculo é como

[...] o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento (...). Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário – o consumo (DEBORD, 1967, p. 09-10).

O autor acredita no poder da imagem na comunicação de massa, mesmo em perspectiva longe de ser um espetáculo enquanto arte. A televisão é um dos meios de comunicação mais amplo e potente, reconhecida por oscilações da tragédia ao

humor em programas. Além disso, conta também com várias mensagens publicitárias. O telespectador acostumou-se a receber mensagens cada vez mais rápidas, modernas, bem elaboradas e dinâmicas. Como consequência desse costume adquirido pelo telespectador, foi preciso que o jornalismo se renovasse, abandonando uma forma rígida e engessada para adquirir um novo formato para a transmissão da notícia. Segundo Arbex Junior (2001),

O fim da fronteira entre informação e entretenimento obrigou o telejornalismo a se adaptar ao ritmo das mensagens publicitárias: ninguém que tenha acabado de passar pelo impacto visual proporcionado pelas mensagens da Coca-Cola (...) suportaria uma sequência longa (mais do que trinta segundos) ou densa sobre algum evento (ARBEX JUNIOR, 2001, p. 51).

Por esse motivo, foi preciso que o jornalista, além de transmitir a informação, se preocupasse também como seria essa transmissão. Ademais, considerasse sua credibilidade na forma de se expressar, as roupas usadas pelos apresentadores, os gestos, os diferenciais na fala e as formas naturais de interação com o telespectador. Além disso, faz-se necessário as edições feitas nos vídeos e nos cenários dinâmicos, na tentativa de manter o interesse do público pelo telejornal e pela notícia transmitida. Tudo isso passou a exigir um conjunto de novas habilidades do jornalista.

A tecnologia da oralidade exigiu da narrativa um narrador, por exemplo, que não pudesse estar dissociado da ação de contar. E que, por conta disso, ao explorar a magia da narrativa na sedução de seus ouvintes, precisou lançar mão de recursos que integravam uma certa performance, posto que a narrativa oral precisa se reinventar a cada vez que é contada, além de precisar também produzir impressões capazes de retê-la na memória, ainda que fugaz. É, por isso, uma narrativa sempre nova, guardando algum grau de ineditismo a cada "execução", por conta da exigência feita ao narrador de grande habilidade nas manobras de voz, de gesto e de interpretação em combinação harmônica (PICCININ, 2012, p. 73).

Todas essas exigências apresentadas por Piccinin (2012) confirmam a citação de Arbex Junior (2001), ao sustentar que nos atuais programas de telejornalismo o que importa é, sobretudo, o impacto da imagem e o ritmo de sua

transmissão. Porém, segundo Marcondes Filho (1988), é muito além disso. O autor observa que:

Não tem sentido analisar a TV apenas a partir do texto, do conteúdo falado, do enredo de seus programas. A fascinação vem da forma espetacular e não do que se transmite oralmente. Assim, tentar compreender ou analisar um produto pelas intenções do autor, pelo tipo de palavras que ele usa, pelos efeitos sobre o público, não leva a absolutamente nada. É preciso se fixar em outras coisas para entender a televisão. E é segundo a lógica do espetáculo – a única lógica possível à TV – que tudo nela é transmitido (MARCONDES FILHO, 1988, p. 41).

Com base nisso, é considerado o espetáculo no telejornalismo, pois ele possui ritmo, iluminação, encenação, som e um considerável tipo de presença de palco personalizada pelo jornalista. A ideia do espetáculo no telejornalismo vem do desempenho dos apresentadores, em que Nicolau (2015) afirma ser “além da voz bem colocada, há a aparência, a postura corporal, a expressão facial, os gestos, a roupa e o cabelo. Cada elemento desses é percebido pelo telespectador. O conjunto faz com que a conexão seja bem-sucedida ou não” (NICOLAU, 2015, p. 41). Isso afirma a importância de um verdadeiro espetáculo durante a transmissão de uma mensagem no telejornal para causar impacto na sociedade.

1.3 O JORNALISMO E AS NOVAS TROCAS CULTURAIS

O Jornal Nacional da TV GLOBO, também conhecido como JN, é uma referência por ser o primeiro telejornal transmitido em rede nacional na TV, em 1969. Com o tempo, vários jornalistas passaram pelo programa, em destaque os jornalistas Cid Moreira, William Bonner, Alexandre García, Fátima Bernardes e Patrícia Poeta. Atualmente, o programa é apresentado por William Bonner e Renata Vasconcelos. Bonner é reconhecido por uma longa trajetória e experiência à frente do telejornal, desde 1996, e continua sua participação na bancada com outros jornalistas. Além das transições, o grande destaque sempre foi a constante adaptação do telejornalismo aos tempos atuais com o passar dos anos. E agora o desafio da vez é a introdução do telejornalismo na web e o domínio das mídiassociais. Isso além de alterar o cenário e a qualidade de vídeo, precisa ter um cuidado na modificação da linguagem e performance jornalística.

No livro *Jornal Nacional – Modo de Fazer*, afirma-se que o principal destaque e critério utilizado pela equipe é “mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção” (BONNER, 2009, p.17). Baseado nisso, as notícias são transmitidas com o objetivo de alcançar todo o tipo de público leigo e a linguagem empregada pelos jornalistas é um passo importante para que isso aconteça. Mas e o espetáculo? Podemos ver nesse telejornal?

A mudança no modo de falar dos repórteres e apresentadores para adaptarem-se ao web-jornalismo e utilizar o espetáculo comprova o que, segundo Bauman (2005), mostra uma realidade de vidas desperdiçadas, vidas líquidas. Segundo o autor, nessas adaptações podemos perceber mudanças rápidas na vida social e na forma de agir das pessoas. O que leva a TV a ser também algo com prazo de validade, assim como o rádio-jornalismo. As tecnologias e os tempos modernos tornam a inovação cada vez mais frequente, gerando o refugo constante e universal.

Se a vida pré-moderna era uma recitação diária da duração infinita de todas as coisas, com exceção da existência mortal, a vida líquido-moderna é uma recitação diária da transitoriedade universal. Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre. Os objetos úteis e indispensáveis de hoje são, com pouquíssimas exceções, o refugio de amanhã. Nada é necessário de fato, nada é insubstituível. Tudo nasce com a marca da morte iminente, tudo deixa a linha de produção com um "prazo de validade" afixado (BAUMAN, 2005, p. 120).

Quando o espetáculo acontece, a notícia vira novidade e atinge as expectativas do telespectador, gerando o sucesso de um novo formato de exibição da informação. Dessa forma, o novo faz do passado um refugio, recebendo como resposta a empatia do telespectador, pois cria-se um vínculo de acordo com a exibição do espetáculo. Dessa forma,

[...] as pessoas projetam os problemas, as frustrações, as expectativas e as emoções sentidas em sua vida diária. Esse mecanismo torna-se parte constitutiva da economia psíquica dos telespectadores, inscreve-se no seu corpo como memórias de emoções efetivamente vividas (ARBEX JUNIOR, 2001, p. 48).

Nicolau (2015) afirma que “os dois apresentadores têm que funcionar bem juntos. Como se diz no cafezinho das redações, é preciso que haja uma ‘química’ entre eles” (NICOLAU, 2015, p. 81). Isso reafirma a necessidade de que o telespectador tem de se interessar por aquilo que seja natural e que reflita uma tendência comportamental da sociedade, ou seja, uma vivência de acontecimento ou semelhança da realidade vivida.

Segundo Marcondes Filho (1988), “em questão de preferência popular, os noticiários ocupam, aliás, o segundo lugar, logo após os dramas. Isso talvez explique o porquê de os noticiários serem produzidos como espetáculos”. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 52). Observamos a importância de uma apresentação não-robotizada e com o uso das técnicas do espetáculo no telejornalismo. Essa preferência popular pelo drama promove o espetáculo em forma de imitação junto a um conjunto de sequências, conceitos e técnicas do teatro. Em *Arte Poética*, o filósofo e autor Aristóteles (2003) disserta sobre a tragédia como:

[...] a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções (ARISTÓTELES, 2003, p. 11)

O telejornalismo lida com a tragédia diariamente em virtude dos acidentes e acontecimentos retratados, além de outros tipos de notícia. Levando em consideração o que aponta o autor Aristóteles (2003), é possível afirmar essa conexão do espetáculo no telejornalismo e a preferência do telespectador pela interação e imitação dos apresentadores destacando,

Como a imitação se aplica a uma ação e a ação supõe personagens que agem, é de todo modo necessário que estas personagens existam pelo caráter e pelo pensamento (pois é segundo estas diferenças de caráter e de pensamento que falamos da natureza dos seus atos); daí resulta, naturalmente, serem duas as causas que decidem dos atos: o pensamento e o caráter; e, de acordo com estas condições, o fim é alcançado ou malogra-se (ARISTÓTELES, 2003, p. 11).

Segundo o autor, “A imitação de uma ação é o mito (fábula); [...] é o que nos permite qualificar as personagens que agem; enfim, é tudo o que nas palavras pronunciadas expõe o que quer que seja ou exprime uma sentença.” (ARISTÓTELES, 2003, p. 11). Ou seja, o espetáculo é o dinamismo e a desenvoltura dos apresentadores na representação comparada a um personagem durante um telejornal. Com o uso do espetáculo, a televisão procura a aproximação com o telespectador e a midiatização é um novo passo a ser dado, um elemento a ser estudado e adaptado para a nova geração atraída pelo uso abusivo da tecnologia e suas ferramentas de interação. Isso reforça a importância de um conteúdo atrativo aos olhos da sociedade.

2 CONFLUÊNCIA METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos uma análise de conteúdo sobre a apresentação do programa Jornal Nacional – JN, exibido diariamente, pela Rede Globo de Comunicação. Sobre esse tipo de metodologia, Bardin (1977) detalha como sendo

[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. [...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e pela fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 1977, p. 9).

Dessa forma, o propósito deste trabalho é analisar os componentes que configuram o Jornal Nacional como uma estrutura dramática. Assim, usamos como recorte para a nossa análise, o JN, exibido no dia 10 de outubro de 2018 com base na obra “Arte Poética de”, de Aristóteles (2003), identificando os conceitos discutidos da obra e aplicados durante a apresentação do programa antes de introduzirem as reportagens. Nesse sentido, a análise será focada somente na apresentação dos âncoras na bancada do JN.

3 O JORNAL NACIONAL EM UMA SOCIEDADE MUDIATIZADA

Na coleta de dados para elaboração do trabalho, foi realizada uma investigação a fim de verificar como o formato do JN foi se transformando para se atualizar e ser adaptado à sociedade em vias de midiatização. Essa transformação consistiu em introduzir o telejornal em plataforma *Streaming* no Globo Play e no portal do Jornal Nacional.

Verificamos que essa adaptação veio com o passar do tempo, pois analisando a plataforma, de 1978 até 2011, identificamos que foram publicadas nas plataformas somente reportagens de marco histórico ou de destaque, sem inclusão de conteúdo de todos os meses do ano. Em 09 de janeiro de 2012, a Rede Globo iniciou as postagens das matérias, separadas em todos os dias do mês, durante todo o ano. No início de janeiro, a emissora ainda postou somente reportagens em destaque, utilizando a plataforma *streaming* dessa forma até 2014. Em 01 de novembro de 2014, as reportagens passaram a ser postadas com o *off*⁴ das matérias em formato de texto para web, mas nem todas as matérias com texto. Inicialmente a previsão do tempo era incluída no fim da reportagem e não separadamente como é feito atualmente.

Vale ressaltar que essas análises iniciais foram realizadas somente para entendermos a importância da transição realizada pelo JN entre o formato tradicional e as plataformas de *streaming* por causa da midiatização. Dessa forma, iniciamos uma observação da forma como o espetáculo se tornou importante e um dos principais aspectos para a credibilidade das apresentações do JN.

3.1 O ESPETÁCULO NA APRESENTAÇÃO DO JORNAL NACIONAL

Nesta seção analisamos como o JN, exibido no dia 10 de outubro de 2018, utiliza o espetáculo de acordo com a Arte Poética de Aristóteles (2003) para atrair a atenção do telespectador e se adaptar à midiatização, apresentando alguns dos principais conceitos da obra: Mimesis (ou imitação, representação), Catarse (ou purgação, purificação, esclarecimento), Peripeteia (ou reviravolta), Anagnorisis (ou

⁴ *Off the records* ou *Off* é a informação que o jornalista não pode divulgar; é a passagem/gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações a serem usadas no meio da matéria.

reconhecimento, identificação), Hamartia (ou erro de cálculo, falha trágica), Mythos (ou roteiro, argumento), Ethos (ou caráter), Dianoia (ou pensamento, tema), Lexis (ou retórica, fala), Melos (ou melodia, música), Opsis (ou espetáculo). Esses conceitos referem-se à montagem da tragédia e da comédia no teatro grego. Na obra, Aristóteles teoriza a respeito de como o teatro grego funcionava há dois mil anos. Esses conceitos são os elementos básicos de toda peça teatral, épica, lírica.

Em contrapartida, ao nos referirmos à junção do telejornal com uma obra muito utilizada nas artes cênicas, por conhecimentos sobre drama e poesia, nos questionamos como o Jornal Nacional pode ser analisado com base em Arte Poética, bem como ele pode ser considerado um espetáculo. Segundo Aristóteles (2003), a resposta para essas perguntas é o simples fato de que

Sem estabelecer relação entre gênero de composição e metro empregado, não é possível chamar os autores de elegíacos, ou de épicos; para lhes atribuir o nome de poetas, neste caso temos de considerar não o assunto tratado, mas indistintamente o metro de que se servem. Não se chama de poeta alguém que expôs em verso um assunto de medicina ou de física! Entretanto nada de comum existe entre Homero e Empédocles, salvo a presença do verso. Mais acertado é chamar poeta ao primeiro e, ao segundo, fisiólogo. De igual modo, se acontece que um autor, empregando todos os metros, produz uma obra de imitação, como fez Querémnonno *Centauro*, rapsódia em que entram todos os metros, convém que se lhe atribua o nome de poeta. É assim que se devem estabelecer as definições nestas matérias. Há gêneros que utilizam todos os meios de expressão acima indicados, isto é, ritmo, canto, metro; assim procedem os autores de ditirambos, de nomos, de tragédias, de comédias; a diferença entre eles consiste no emprego destes meios em conjunto ou em separado. Tais são as diferenças entre as artes que se propõem a imitação (ARISTÓTELES, 2003, p. 23).

Dessa forma, o que leva a esse tipo de análise é a junção dos meios de expressão que levam à imitação da realidade para transmissão de uma mensagem ou no caso do jornal, uma informação, podendo assim utilizar a visão poética de Aristóteles na análise do Jornal Nacional. O autor utiliza elementos do drama para a formação do espetáculo durante uma apresentação, identificando também alguns dos cinco atos para o desenvolvimento de um espetáculo: exposição (momento instigante), complicação (ação crescente), clímax (momento decisivo), reversão (ação em declínio), desfecho (momento de liberação).

A estrutura do novo formato do programa no portal, diferentemente da antiga, é colocada por completo, da chamada de abertura até à inclusão do momento de transição para o comercial. Em formato de playlist, as primeiras matérias apresentadas são sobre política (por ser período de eleição); em seguida, usando a eleição como um gancho, a matéria é sobre crime eleitoral; depois são inseridas aquelas que tratam de assassinato que causou grande repercussão; depois acontecimento climático, desaparecimento de jornalista na Turquia, esporte falando sobre seleção brasileira, clima tempo com Maju Trindade, notícia política internacional, acidente em Belo Horizonte/MG, apreensão de quadrilha, prisão de político, acontecimento político, solidariedade, esporte.

A sequência de fotos, na Figura 1, esclarecem a exposição inicial da *playlist* inserida no portal.

Figura 1 – Sequência 1: O esclarecimento e exposição inicial



Fonte: Jornal Nacional, 2018.

Logo de início, o Jornal Nacional apesar do novo formato, mantém a tradicional trilha sonora de abertura, porém intensifica a melodia e cria movimentos com a câmera que retrata o ritmo do som em consonância com o uso tecnologia. Dessa forma, deixa claro o início do programa e esclarece durante a chamada as principais notícias. Além disso, isso apresenta os elementos da tragédia presentes no programa como a Catarse, a Melos e a Dianoiia, tornando o primeiro ato de exposição, um momento instigante para o telespectador. Conforme Aristóteles (2003):

A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; deve ser composta num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas; na tragédia, a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções.

Entendo por "um estilo tornado agradável" o que reúne ritmo, harmonia e canto. Entendo por "separação das formas" o fato de estas partes serem, umas manifestadas só pelo metro, e outras pelo canto (ARISTÓTELES, 2003, p. 25).

Dando continuidade ao momento de complicação presente no JN, o programa apresenta uma ação crescente, representada por notícias sobre política. Essas notícias continuamente cedem espaço à imitação até chegar ao momento decisivo, presente no segundo ato.

Figura 2 – Sequência 2: A imitação e o clímax



Fonte: Jornal Nacional, 2018.

A apresentação do clima-tempo promove uma interação com o telespectador pelo uso informal da linguagem, usando uma tecnologia avançada e dando a impressão de que a repórter, conhecida pelo apelido de “Maju”, está junto aos apresentadores. Durante a apresentação, o uso das seguintes expressões: “Essas nuvens aqui, peso pesado”, “A chuva pipocou e vai continuar pipocando”, “E se você tá pensando em ir pra praia na véspera de feriado, se prepara meu amigo e minha amiga”, “Céu carrancudo”, “Chuva bem passageira discreta”, “O dia será bem molhado”, acompanhadas de gestos com os braços e finalizando com um tchau com as mãos para se despedir reforça a interação com o telespectador. Podemos identificar mimesis, lexis, anagnorisis no momento decisivo do terceiro ato: o clímax. Nesse momento, é possível identificar o uso da metáfora conforme Aristóteles (2003), que explica:

A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia. Quando digo do gênero para a espécie, é, por exemplo, "minha nau aqui se deteve", pois lançar ferro é uma maneira de "deter-se". Da espécie ao gênero: "certamente Ulisses levou a feito milhares e milhares de belas ações", porque "milhares e milhares" está por "muitas", e a expressão é aqui empregada em lugar de "muitas"; Da espécie para a espécie: "tendo-lhe esgotado a vida com o bronze" e "de cinco fontes cortando com o duro bronze"; aqui, "esgotar" equivale a "cortar" e "cortar" equivale a "esgotar"; são duas maneiras de tirar (ARISTÓTELES, 2003, p. 28).

Ainda sobre a metáfora, conseqüentemente, o autor demonstra:

Como é pela ação que as personagens produzem a imitação, daí resulta necessariamente que uma parte da tragédia consiste no belo espetáculo oferecido aos olhos; além deste, há também o da música e, enfim, a própria elocução. Por estes meios se obtém a imitação. Por elocução entendo a composição métrica, e por melopéia(canto) a força expressiva musical, desde que bem ouvida por todos. Como a imitação se aplica a uma ação e a ação supõe personagens que agem, é de todo modonecessário que estas personagens existam pelo caráter e pelo pensamento (pois é segundo estas diferenças de caráter e de pensamento que falamos da natureza dos seus atos); daí resulta, naturalmente, serem duas as causas que decidem dos atos: o pensamento e o caráter; e, de acordo com estas condições, o fim é alcançado ou malogra-se. A imitação de uma ação é o mito (fábula); chamo fábula a combinação dos atos; chamo caráter (ou costumes) o que nos permite qualificar as personagens que agem; enfim, o pensamento é tudo o que nas palavras pronunciadas expõe o que quer que seja ou exprime uma sentença (ARISTÓTELES, 2003, p. 28).

Segundo o autor, a importância da imitação ocorre pelo fato de que:

A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer (ARISTÓTELES, 2003, p. 29).

Ou seja, finalmente, o autor conclui que

Os seres humanos sentem prazer em olhar para as imagens que reproduzem objetos. A contemplação delas os instrui, e os induz a discorrer sobre cada uma, ou a discernir nas imagens as pessoas deste ou daquele sujeito conhecido. Se acontece alguém não ter visto ainda o original, não é a imitação que produz o prazer, mas a perfeita execução, ou o colorido, ou alguma outra causa do mesmo gênero. Como nos é natural a tendência à imitação, bem como o gosto da harmonia e do ritmo (pois é evidente que os metros são parte do ritmo), nas primeiras idades os homens mais aptos por natureza para estes exercícios foram aos poucos criando a poesia, por meio de ensaios improvisados (ARISTÓTELES, 2003, p. 29).

Dessa forma, encerrando o clímax e iniciando a reversão do quarto ato para o declínio, com uma transição retomando as notícias, chegamos ao desfecho para o momento de liberação do telespectador.

Figura 3– Sequência 3: A reviravolta para o desfecho final.



Fonte: Jornal Nacional, 2018.

No final, os apresentadores concluem o programa incluindo um telespectador participante no quadro "O Brasil que eu quero" em que ocorre a oportunidade do telespectador de se expressar durante o período político. O quadro ajudou um padre a divulgar um ato solidário, conseguindo o apoio de doadores para investir na educação de crianças carentes em uma pequena cidade. Com essa conclusão, podemos identificar peripeteia, ethos, hamartia, mythos, ophis. Segundo Aristóteles (2003):

Independentemente do espetáculo oferecido aos olhos, a fábula deve ser composta de tal maneira que o público, ao ouvir os fatos que vão passando,

sinta arrepios ou compaixão, como sente quem ouve a fábula do *Édipo*. Mas, para obter este resultado pela encenação, não se requer tanta arte e exige-se uma coregia dispendiosa. Os autores que provocam, pelo espetáculo, não o terror, mas só a emoção perante o monstruoso, nada têm em comum com a natureza da tragédia; pois pela tragédia não se deve produzir um prazer qualquer, mas apenas o que é próprio dela. Como o poeta deve nos proporcionar o prazer de sentir compaixão ou temor por meio de uma imitação, é evidente que estas emoções devem ser suscitadas nos ânimos pelos fatos. Examinemos, pois, entre os fatos, aqueles que aparentam a nós serem capazes de assustar ou de inspirar dó. Necessariamente ações desta espécie devem produzir-se entre amigos ou inimigos, ou indiferentes (ARISTÓTELES, 2003, p. 43).

O que podemos identificar com clareza na matéria apresentada, ao final do programa é o reconhecimento citado em obra de Aristóteles (2003). Segundo o autor,

A este respeito, duas partes constituem a fábula: peripécia e reconhecimento; a terceira é o acontecimento patético (catástrofe). Tratamos da peripécia e do reconhecimento; o patético é devido a uma ação que provoca a morte ou sofrimento, como a das mortes em cena, das dores agudas, dos ferimentos e outros casos análogos (ARISTÓTELES, 2003, p. 28).

Essas partes compõem o JN, finalizando-o com o que Aristóteles nomeia de nó e desenlace de um verdadeiro espetáculo. Segundo ele,

Em todas as tragédias há o nó e o desenlace. O nó consiste muitas vezes em fatos alheios ao assunto e em alguns que lhe são inerentes; o que vem a seguir é o desenlace. Dou o nome de nó à parte da tragédia que vai desde o início até o ponto a partir do qual se produz a mudança para uma sorte ditosa ou desditosa; e chamo desenlace a parte que vai desde o princípio desta mudança até o final da peça. Por exemplo, no *Linceu* de Teodectes, o nó abarca todos os fatos iniciais, incluindo o rapto da criança além disso... o desenlace vai desde a acusação de assassinato até o fim (ARISTÓTELES, 2003, p. 34).

Conforme análise, esses elementos do drama para a formação do espetáculo, presentes na obra *Arte Poética* (ARISTÓTELES, 2003), nos leva a refletir sobre a importância do espetáculo no funcionamento e na estrutura do Jornal Nacional para agregar valor e desenvolver a interação. São elementos que promovem o

envolvimento com o telespectador e adequam o programa à sociedade em vias de midiaticização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise do Jornal Nacional atual em recorte, foi possível perceber a importância e o uso de técnicas das artes cênicas do teatro grego com base no livro *Arte Poética*, de Aristóteles, para o desenvolvimento de um verdadeiro espetáculo. O novo formato do programa exige uma adaptação informal e leve para se adequar à sociedade em vias de midiaticização com o objetivo de interagir com essa nova geração envolvida com a tecnologia.

A hipótese levantada neste trabalho era se a mudança no Jornal Nacional podia colocar em risco a seriedade e a credibilidade do programa, fazendo com que o público não acreditasse na importância da notícia. Porém no decorrer da análise realizada neste recorte do programa, concluímos que a apresentação dos jornalistas cumpre o dever de envolver o telespectador por meio de elementos do espetáculo para manter a importância da notícia, inserindo o que a midiaticização pede para conseguir a atenção dessa nova geração acostumada com a publicidade e o entretenimento constante das redes sociais.

Sendo assim, ao utilizar composições tecnológicas como trilha sonora, cenários personalizados, imagens computadorizadas, enquadramentos, iluminação e movimento, aliado às técnicas do espetáculo é possível alcançar esse resultado. A utilização dos cinco atos: exposição, complicação, clímax, reversão, desfecho e também as categorias desenvolvidas por Aristóteles, com destaque para *Mimesis* como o mais importante entre a *catarse*, a *peripeteia*, a *anagnorisis*, a *hamartia*, o *mythos*, o *ethos*, a *dianoia*, o *melos* e o *opsis* promovem o desenvolvimento da interação e o maior envolvimento do telespectador.

O Jornal Nacional leva as notícias de forma envolvente para o telespectador que se identifica com a modernidade da apresentação e o vínculo pelos atos citados em que o receptor se identifica pela imitação, pelas emoções e pela interação dos jornalistas de forma leve. Além disso, a performance é extremamente adequada para que a notícia seja transmitida de forma eficiente e com a alcance a atenção do telespectador. Isso garante a credibilidade da notícia e se torna sempre algo atual e

moderno, acompanhando a transformação dos processos sociais e as interações das novas gerações na distribuição das notícias em forma de espetáculo.

REFERÊNCIAS

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Martin Claret, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Paris: Buhet-Chastel, 1967.
Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

FAUSTO NETO, Antônio. Miatização, Prática Social – Prática de Sentido. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15. 2006, Bauru, **Anais**, Bauru: COMPÓS, 2006, p. 1-15.

GOMES, Pedro Gilberto. Como o processo de midiatização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais?. *In*: BRAGA, José Luiz, *et al.* **10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. cap. 8.

GOMES, Pedro Gilberto. **RevFamecos** (Online). Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/22253/14176>. Acesso em: 3 set. 2017.

GOMES, Laurentino. **1808 – Como Uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 2. reimpressão. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. 414 p

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

JORNAL NACIONAL. Vídeos do dia. **Globoplay**. Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/10-10-2018/>. Acesso em: 3 nov. 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

MEDEIROS, Magno. Que relações se elaboram entre as imagens irradiadas pelos processos midiáticos e o imaginário dos sujeitos?. *In*: BRAGA, José Luiz, *et al.* **10**

perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. cap. 2.

NICOLAU, Paulo. **Telejornalismo na prática.** São Paulo: Editora Limiar, 2015.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na Tv - Manual de Telejornalismo.** 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PERLES, João Batista. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história.** Três Lagoas: BOCCUBI, 2017. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2018.

PICCININ, Fabiana. **O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo.** Narrativas comunicacionais complexificadas. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

SODRÉ, Muniz. Questões transversais. **Revista de Epistemologias da Comunicação.** Um novo sistema de Inteligibilidade, Rio Grande do Sul, v. 1, n.1, p. 66-73, jan./jul. 2013.